

**A SUSTENTABILIDADE COMO PRÁTICA SOCIOMATERIAL  
EM UMA FEIRA DE PRODUTOS ORGÂNICOS DE JOÃO  
PESSOA/PB**

**LAÉRCIO DE BARROS SILVA**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB)  
laercio.barros.adm@gmail.com

**LARISSA LUCENA ALMEIDA**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB)  
larissalucena89@hotmail.com

## **Introdução**

Este trabalho buscará apresentar a abordagem dos EBP's, em especial a sociomaterialidade para compreender como se dá a sustentabilidade em uma feira de produtos orgânicos. A sociomaterialidade é uma abordagem pós-humanista que retira a centralidade do protagonismo humano nas práticas sociais e que busca enxergar como os atores sociais não-humanos contribuem para os processos de organização. Este trabalho compõe o campo de estudos organizacionais, considerando novas formas de organizar

## **Problema de Pesquisa e Objetivo**

Problema: como ocorre a sustentabilidade como prática sociomaterial em uma feira de produtos orgânicos?

Objetivo: compreender a sociomaterialidade na sustentabilidade como prática em uma feira orgânica.

## **Fundamentação Teórica**

A fundamentação está composta por, inicialmente apresentação dos Estudos Baseados em Práticas, depois a apreciação da abordagem da sociomaterialidade que servirá de lente para interpretar o fenômeno sustentabilidade. Por fim a sustentabilidade será caracterizada como prática sociomaterial de acordo com Cavalcante e Bispo (2014).

## **Metodologia**

A pesquisa é enquadrada como pesquisa de campo, qualitativa, de caráter etnográfico, com coleta de dados por meio de observação participante e entrevistas semiestruturadas. Para análise dos dados foi usada a abordagem da sociomaterialidade como lente de pesquisa para interpretação do fenômeno sustentabilidade em uma feira orgânica.

## **Análise dos Resultados**

Os dados coletados com observação participante foram registrados em notas de campo e as entrevistas semiestruturadas foram gravadas e depois transcritos os principais trechos que representavam categorias significativas para a compreensão da sustentabilidade como prática sociomaterial. Foram elaborados três categorias para análise, a primeira "A feira e seu processo organizativo", a segunda "as micro práticas das dimensões da sustentabilidade" e a terceira "A sociomaterialidade na feira"

## **Conclusão**

Através de observações foi possível caracterizar a sustentabilidade como prática sociomaterial em uma feira orgânica, realizamos o mapeamento dos atores sociais humanos e suas micro práticas de sustentabilidade através da interação destes com não-humanos. Foi perceptível o alinhamento e simetria entre os atores sociais humanos na realização de práticas sustentáveis sejam elas ambientais, sociais ou econômicas, todos assumem papel importante na realização da sustentabilidade como prática

## **Referências Bibliográficas**

- CAVALCANTE, E. D. C. e BISPO M. de S. (2014).Sustentabilidade como prática: um olhar etnometodológico e sociomaterial a partir da orla marítima de João Pessoa, Paraíba. Organizações e Sustentabilidade, Londrina, v.2, n. 2, p. 80-113, jul./dez.
- GHERARDI, S. (2006). Organizational knowledge: the texture of workplace learning. Oxford: Blackwell Publishing.
- ORLIKOWSKI, W. J. (2007). Sociomaterial Practices: Exploring Technology at Work. Organization Studies, v.28, n. 9, p. 1435-1448.

# A SUSTENTABILIDADE COMO PRÁTICA SOCIOMATERIAL EM UMA FEIRA DE PRODUTOS ORGÂNICOS DE JOÃO PESSOA/PB

## 1 Introdução

O tema central deste artigo, que é sustentabilidade, tem sido debatido com frequência em reuniões e conferências em nível mundial. Também é uma preocupação crescente do Estado e da iniciativa privada, assim como, da sociedade em geral. Porém, será que a condução dos problemas que envolvem a sustentabilidade até então estão sendo realizados com o cuidado necessário? E, ainda mais, será que a sustentabilidade como é tratada atualmente pode realmente mudar a vida humana e a conservação dos recursos para o futuro?

Diante desse cenário e dos acontecimentos que estão ocorrendo no mundo é possível perceber que muita coisa já mudou quando se trata do assunto sustentabilidade, mas, que também existe muita coisa que pode ser melhorada. O discurso sobre sustentabilidade e desenvolvimento sustentável já está arraigado na cabeça das pessoas, porém, parece que a ação necessária por trás dele ainda não está bem consolidada na vida cotidiana das pessoas. Ouve-se muitas empresas levantando a bandeira da sustentabilidade, só que não se sabe até que ponto é realmente uma mudança de hábito ou apenas mais uma estratégia de marketing.

A sustentabilidade precisa ser encarada como algo realmente necessário para o nosso bem-estar e das gerações futuras. O trippe bottom line que é amplamente divulgado e para muitos estudiosos é a forma mais completa de se conseguir um desenvolvimento verdadeiramente sustentável, possui um grau elevado de complexidade, pois o foco sempre acaba sendo voltado para uma das bases do tripé e acaba-se esquecendo das outras tão igualmente importantes.

Neste trabalho não almejamos desconstruir nada que já esteja consolidado sobre a sustentabilidade, contudo, introduziremos uma nova lente para investigação do fenômeno. A lente das práticas ou os também conhecidos Estudos Baseados em Prática – EBP. Sendo assim, a sustentabilidade será aqui considerada como uma prática que acontece cotidianamente, que é desenvolvida coletivamente por diversos atores, é organizada, tem um sentido particular para as pessoas que o desenvolvem, e é regida por regras e símbolos únicos dela. Através destas lentes podemos dizer que optamos por utilizar o entendimento da composição da sustentabilidade pelas três dimensões, o que já ocorre na visão triple bottom line, porém o que nossa visão diferencia das demais é a compreensão de que a sustentabilidade (macro prática) é composta por práticas ambientais, econômicas e sociais (micro práticas) e que estas não assumem grau de importância maior do que outra, ou seja, a equidade entre as micro práticas é o que caracteriza a sustentabilidade como prática.

Dessa forma, a sustentabilidade como prática pode ser entendida como a relação entre atores humanos e não-humanos que são responsáveis pela construção da prática, sua manutenção e perpetuação ao longo do tempo. Nessa prática é a ação humana juntamente com a ação dos elementos não-humanos que possibilitam que o tripé constituído por bases ambientais, econômicas e sociais tenham uma interação que torne a sustentabilidade algo possível. O destaque para interação de humanos e não humanos e o resultado desta interação é o que nos permite nomear a sustentabilidade enquanto prática sociomaterial. Sustentabilidade é prática social porque é realizada através de interações entre atores sociais e ao mesmo tempo é material porque é criada/desenvolvida/mantida/alterada pelas ações com o mundo material, composto essencialmente por não humanos.

Portanto, este artigo tem como objetivo compreender a sociomaterialidade na sustentabilidade como prática em uma feira orgânica. Vale ressaltar, que essa pesquisa por se fundamentar nos EBP's não possui aspectos metodológicos tradicionais e buscou formas mais realistas de compreender o fenômeno estudado.

Além dessa introdução, o artigo foi dividido em algumas partes para uma melhor leitura e compreensão por parte dos leitores. Primeiramente, iremos realizar alguns esclarecimentos conceituais a respeito dos Estudos Baseados na Prática, sobre Sociomaterialidade e a Sustentabilidade como Prática Sociomaterial. Em seguida, será apresentada a metodologia empregada na pesquisa, assim como os métodos escolhidos para a coleta de dados. Na sequência iremos apresentar os dados adquiridos que caracterizam a sustentabilidade como prática sociomaterial na feira orgânica. E, por fim, serão apresentados alguns aspectos conclusivos, limitações e orientações para futuras pesquisas.

## **2 Problema e Objetivo de pesquisa**

Problema: como ocorre a sustentabilidade como prática sociomaterial em uma feira de produtos orgânicos?

Objetivo: compreender a sociomaterialidade na sustentabilidade como prática em uma feira orgânica.

## **3 Discussão Teórica**

### **3.1. Estudos Baseados em Prática**

Os Estudos Baseados na Prática - EBP são considerados lentes de estudos utilizadas tanto para estudar novos fenômenos quanto para estudar fenômenos já existentes. Este campo de estudo apesar de não ser tão recente, mas que passou por um período de adormecimento, vem ganhando destaque no campo dos estudos organizacionais. A obra intitulada “The practice turn in contemporary theory” de autoria de Schatzki, Cetina e Savigny de 2001, marca o “retorno” das práticas. Essencialmente de origem filosófica e sociológica, e, de acordo com Gherardi e Strati (2014), também recebe influências de Bourdieu (1972), Lyotard (1979), Foucault (1980), Taylor (1995) e (Garfinkel, 1967), os EBP’s vem ganhando atenção em outras áreas de estudo, a exemplo o organizacional.

Anteriormente a obra de Schatzki, Cetina e Savigny (2001), em 1998, pesquisadores de diversas áreas apresentaram uma sistematização dos estudos com interesses nas práticas no Simpósio da *Academy Management Meeting*, “O objetivo deste simpósio bem aceito foi introduzir esta área de pesquisa para o público acadêmico preocupado com estudos organizacionais e de gestão” (Nicolini, Gherardi & Yanow, 2003, p. 4). Após isso, os trabalhos divulgados no evento foram sistematizados e apresentados em uma edição especial da revista *Organization* (v. 7, n.2, 2000). Daí em diante os EBP’s começaram a se espalhar e a despertar interesse de estudiosos inclusive no Brasil.

Os EBP’s não são estudos convencionais, e necessitam de alguns esclarecimentos, alguns termos como, por exemplo, conhecimento, aprendizagem e organização, precisaram adquirir um novo significado para dar sentido a nova forma de enxergar o mundo através das práticas (Nicolini, Gherardi & Yanow, 2003). Dentre os esclarecimentos necessários o primeiro deles é em relação à importância que as práticas situadas ganham, isso porque são as práticas que devem ser seguidas e estudadas e não apenas quem as pratica, os atores sociais (humanos e não humanos) são sim considerados importantes, porém no contexto dos EBP’s o mais importante é a compreensão dos resultados alcançados através desta interação.

O segundo é que não há assimetria entre humanos e não humanos, ambos podem ser considerados como autores sociais das práticas. Deste modo o sentido da prática é constituído a partir da mediação dos não-humanos (objetos, materiais, símbolos e etc) nas atividades

desempenhadas pelos humanos, pois é quase impossível que uma prática aconteça quando não há a presença de um desses atores.

O terceiro diz respeito à compreensão do que são as organizações. Os estudiosos das práticas preferem usar o termo *organizing*, que dá a ideia de algo processual, pois, para quem usa as lentes das práticas as organizações não são estáticas e acabadas, elas fazem parte de uma malha de práticas sem fronteiras e sem limitações. Gagliardi (2009) e Strati (2000) *apud* Bispo (2011) fazem algumas considerações em relação ao sentido que as organizações tem através das lentes dos EBP's:

Essas colocações implicam três observações a respeito das organizações: (a) elas não são apenas a soma dos indivíduos que as compõem e, necessariamente, precisam compartilhar de um mesmo espaço físico e temporal; (b) as organizações são combinação de elementos humanos e não humanos (artefatos) que constituem um espaço privilegiado de construção de sentido coletivo; (c) as organizações não são, de fato, seus organogramas e, de modo geral, não representam no cotidiano as missões, as visões e os valores declarados, pois parecem mais um desejo da direção da organização quando não são apenas “enfeites” (Gagliardi, 2009; Strati, 2000 *apud* Bispo, 2011, p. 106).

O que fica bastante evidenciado no trecho acima, é que a delimitação das organizações, comumente visualizada nas teorias tradicionais, não é a utilizada pela abordagem teórica adotada neste artigo. Dentre as três considerações destacam-se três palavras-chave para explicar uma organização como processo (*organizing*). *Organizing* é (a) situada, isto é, contextual, (b) possui sentidos coletivamente construídos e (c) não são apenas discursivas. Até aqui foram feitos alguns esclarecimentos que são necessárias para compreensão dos EBP's, porém o que de fato são as práticas e o que as compõem?

Schatzki (2001) define práticas como um conjunto de fazeres e dizeres organizados e interligados por meio de regras sociais (leis, estatutos padrões de comportamento, etc.), entendimentos construídos socialmente ao longo do tempo (contextual), e estruturas teleafetivas (orientação, objetivos, emoção). Já em sua obra de 2006, Schatzki considera práticas como estruturas espaciais-temporais com múltiplas ações. Ainda de acordo com o autor, práticas são formadas por dois componentes básicos: ações e estruturas.

A estrutura da prática é formada por quatro principais fenômenos, que são: (1) entendimentos de ações que constituem a prática; (2) as regras, diretivas explícitas, advertências ou instruções que os participantes na prática observam ou negligência; (3) estruturação teleológico-afetiva (que engloba uma série de extremidades, projetos, ações, talvez as emoções); (4) entendimento geral.

Gherardi e Strati (2014) afirmam que comumente o termo “prática” assume significado relacionado à “rotina”, ou algo equivalente ao “o que as pessoas realmente fazem”, de acordo com tais autores esse é um erro recorrente porque não “aborda a ligação entre prática e conhecimento, a sua crítica original e distintiva das concepções modernistas de conhecimento” (2014, p.43). Em sua definição Gherardi (2006, p. 34) afirma que prática é “[...] um modo relativamente estável no tempo e socialmente reconhecido de ordenar elementos heterogêneos em um conjunto coeso”. Ainda na concepção da autora a abordagem das práticas vai além do eterno dualismo entre mente/corpo, ator/estrutura, humanos/não-humanos. E, que as ações individuais constroem blocos do fenômeno social e as práticas discursivas podem ser encaradas como formas de ordenamento coerente entre humanos e não humanos, e para dá a devida atenção à materialidade do mundo social.

Nos EBP's as relações entre humanos e não-humanos recebem uma atenção especial, já que se considera que a prática é construída a partir dessa relação. Já existiam alguns estudiosos, principalmente de raízes sociológicas, que teorizavam sobre tal assunto, porém, com a lente utilizada pelas práticas houve uma expansão do interesse em estudos envolvendo

a relação entre o social e o material nas organizações. O tópico a seguir trará algumas considerações sobre o tema.

### 3.2. Sociomaterialidade

Por muito tempo foi comum os estudiosos de organizações falarem em materialidade e social como assuntos distintos. Segundo Orlikowski (2007), na literatura sobre pesquisa em organizações era predominante se tratar a materialidade por apenas dois modos: o primeiro ignorava e fazia vista grossa para a materialidade nas organizações, e, o segundo, tratava a materialidade como um estudo específico de casos sobre tecnologias. O interesse pela relação entre humanos e não-humanos veio importado das ciências sociológicas através de estudos realizados por: Callon (1986), Latour (1992), Bijker (1995), Pickering (1995), Knorr Cetina (1997), Law (2004) e Beunza et. al. (2006) (Orlikowski, 2007). A partir desses estudos cresceu o interesse pela relação entre humanos e não-humanos em suas atividades cotidianas, mudando a dualística forma de se enxergar os aspectos materiais e sociais nas organizações. Eles passaram a fazer parte de um mesmo emaranhado, ou seja, passaram a ser indissociáveis.

A materialidade pode ser entendida como os artefatos materiais existentes em uma organização que possibilita o desenvolvimento das atividades dos seres humanos. Eles não mudam em função do tempo ou do espaço, o que mudam são as formas como as pessoas fazem uso deles. (Leonardi, 2012). Já o social é compreendido como o significado/sentido que as pessoas dão as coisas ao seu redor. Corroborando com essa mesma ideia, Fenwick (2014) descreve o “material” como todas as coisas utilizadas nas nossas atividades diárias em nossas vidas que são ambos orgânicos e inorgânicos, tecnológico e natural. E o “social” como os símbolos e significados, desejos e medos, e os discursos culturais.

Sendo assim, é a junção desses dois termos (material e social) que forma a sociomaterialidade, que segundo Leonardi (2012) são os significados que as pessoas dão aos artefatos materiais, e um não pode existir sem o outro. As pessoas necessitam dos materiais para realizarem suas atividades cotidianas, assim como, os materiais precisam que as pessoas os deem utilidade e sentido. Portanto, tratá-los de forma dissociados foi um equívoco cometido, e que ainda vem sendo realizado, por muitos estudiosos.

Nesse sentido é importante destacar a agência dos humanos e dos não-humanos dentro da perspectiva da sociomaterialidade. Como afirma Orlikowski (2007), não há a existência de entidade humana ou não-humana independentes e com características inerentes. “Humanos são constituídos através das relações de materialidade – corpos, roupas, comida, dispositivos, ferramentas, as quais, por sua vez, são produzidas através das práticas humanas. A distinção de humanos e artefatos, nessa visão, é apenas analítica; essas entidades relacionalmente implicam ou promulgam a outra na prática.” (Orlikowski, 2007, p.1438).

Dessa forma, pode-se entender que toda prática é construída e desenvolvida através da relação de sociomaterialidade existente, pois não existe o social sem o material e vice-versa. E, quando a sustentabilidade passa a ser compreendida como uma prática, faz-se necessário buscar compreender os aspectos sociomateriais que está fortemente presente nela. Assim sendo, na próxima seção tem-se uma discussão sobre a sustentabilidade e a sociomaterialidade.

### 3.3. Sustentabilidade como Prática Sociomaterial

A sustentabilidade tem sido um dos temas mais debatidos nos anos recentes, ora por sua real importância, ora pelo modismo que esta tem gerado, principalmente no campo de estudos da Administração. Salientamos aqui, que o que motiva tal estudo é a dada importância ao conteúdo no que diz respeito a sua evolução teórica e aplicação prática na vida em sociedade.

O debate acerca da sustentabilidade tem raízes fincadas no tema desenvolvimento sustentável que por sua vez de acordo com Baroni (1992) entra no debate em 1980 “[...] quando a UICN (União Internacional para Conservação da Natureza) apresenta o documento Estratégia de Conservação Mundial com o objetivo de alcançar o desenvolvimento sustentável através da conservação dos recursos vivos” (*Idem*, p. 15. Grifos do autor). Apesar de várias críticas realizadas a respeito deste conceito, este foi o que deu origem ao debate sobre desenvolvimento sustentável/sustentabilidade. Em seu texto, Baroni (1992) apresentou 11 definições bem aceitas sobre desenvolvimento sustentável, na maioria delas encara-se a ideia de satisfação das necessidades presentes sem comprometer a garantia da satisfação das necessidades futuras. Porém, o que se percebe é uma confusão na ideia de que sustentabilidade ou desenvolvimento sustentável está apenas relacionada ao uso dos recursos naturais, ou seja, a dimensão ambiental.

Uma definição amplamente aceita sobre sustentabilidade é o equilíbrio entre três principais dimensões, o reconhecido *triple bottom line* (tripé do desenvolvimento), que leva em conta três dimensões: a econômica, a social e a ambiental. Portanto, a entende-se que a sustentabilidade deve ser includente, do ponto de vista social, sustentável, do ponto de vista ecológico e sustentado (economicamente viável) (Estudos avançados, 2004; Sachs, 2003; 2004; Fachin, 2008 *apud* Krueel, 2010). Sachs (2009) indica outras dimensões da sustentabilidade a serem analisadas que são: além da social, econômica e ambiental, a inclusão da dimensão cultural, ecológica, territorial e política. Contudo, para efeitos deste trabalho esta definição não será aceita por completo e sofrerá adaptações a partir das lentes das práticas sociais.

De acordo com Cavalcante e Bispo (2014) é preciso mudar a forma de visualizar o *triple bottom line*, e passar a tratar suas dimensões da sustentabilidade não de maneira isoladas, em que, num dado momento, alguma das dimensões assume um peso superior frente às demais, mas, sim, de forma integrada onde cada uma possui o mesmo peso e a mesma importância. Dessa forma, ao introduzir o uso das lentes da prática como forma de se estudar o fenômeno da sustentabilidade, Cavalcante e Bispo (2014) fazem algumas considerações necessárias:

Assim, ao assumir as lentes das práticas sociais como referência para a compreensão da sustentabilidade, alguns aspectos epistemológicos devem ser considerados para a compreensão da reflexão aqui construída: a) uma posição antipositivista, racionalista e cognitivista; b) despreço por dualidades como, por exemplo, sujeito-objeto, mente-corpo, agência-estrutura, humano e não humano, entre outras; c) valorização do senso comum como inspiração científica; d) assumir as práticas como aglutinadoras e fomentadoras de processos organizativos e organizações (Cavalcante e Bispo, 2014, p. 82).

Neste sentido os autores entendem sustentabilidade “como uma prática sociomaterial cotidiana, não prescritiva, que surge, perpetua e se modifica nas interações cotidianas entre humanos e não humanos” (Latour, 2005; Gherardi, 2012 *apud* Cavalcante e Bispo, 2014, p. 82). Assim, compreender a sustentabilidade como uma prática sociomaterial nos permite observá-la a partir de outros ângulos que não seja aquele focado apenas na agência humana. Nesse contexto, o material também desempenha um papel fundamental para a subsistência da prática.

Quando a sustentabilidade passa a ser estudada como uma prática sociomaterial, faz-se necessário entendê-la em sua forma mais natural, ou seja, quando ela está acontecendo. Por isso, identificar os aspectos materiais e sociais que formam o emaranhado que dão sentido e perpetuação à prática é fundamental. O ser humano precisa do meio ambiente (não-humano) para realizar suas atividades diárias relacionadas a sustentabilidade, e o meio ambiente também necessita dos humanos para lhes conferir significado. O mesmo acontece com as

outras duas dimensões: a social e a econômica. Pois, toda a prática da sustentabilidade é constituída da relação entre o material e o social.

#### **4 Metodologia**

A pesquisa foi de abordagem qualitativa, com natureza exploratória e descritiva. Exploratória por buscar entender o fenômeno estudado através de uma nova lente de estudos (EBP) e descritiva por se concentrar em descrever com detalhes o fenômeno pesquisado e seus desdobramentos.

O lócus da pesquisa foi a Feira de Produtos Orgânicos localizada no bairro dos Bancários na cidade de João Pessoa/PB. O objetivo foi observar a sua realização e organização levando em consideração os aspectos da sustentabilidade como prática sociomateriais presente. A realização da pesquisa se deu em duas etapas: na primeira houve a realização de observações diretas sobre a feira com anotações em diários de campo, concentrado-se mais nos seus processos organizativos e nas relações sociomateriais que existiam durante a sua execução; na segunda etapa, além das observações diretas, também foram realizadas entrevistas semiestruturadas e conversas informais com feirantes e clientes, durante a segunda etapa as conversas informais foram gravadas e quando necessário transcritas, Durante a segunda etapa da pesquisa os pesquisadores puderam observar também a realização de uma reunião conduzida pelos organizadores.

A primeira etapa teve como finalidade compreender a organização da feira durante a sua execução, buscando identificar os agentes materiais e os aspectos sociais presentes na feira, assim como, a relação entre eles ao longo do período em que a feira era realizada. Essa fase foi essencial para começar a caracterização dos processos organizativos da feira e também para perceber as principais relações sociomateriais ali existentes e que originavam a prática da sustentabilidade. Vale ressaltar, que a observação direta tem o intuito de compreender o fenômeno com o máximo de neutralidade possível, por isso, foi escolhida como instrumento para essa primeira etapa da pesquisa.

Já a segunda etapa foi importante para entender, a partir da ótica dos participantes da feira, quais os sentidos e significados de cada material utilizado nela, e para entender com mais profundidade como acontece o processo de organização da feira desde a produção dos alimentos até o fim da feira. Os instrumentos para coleta de dados utilizados nesta fase foram a entrevista semiestruturadas e as conversas informais. A entrevista semiestruturada consegue colher os dados de forma mais “sistemizada” e ainda confere certa autonomia ao entrevistado de adentrar em outros assuntos também importantes, mas que não estavam sendo abarcados nas perguntas. Já as conversas informais deixam o participante com muita liberdade para se posicionar e falar tudo o que vem a sua mente, a partir desse tipo de conversa, consegue-se extrair muitos dados que talvez não fossem ditos em entrevistas com características mais formais.

Como a feira é realizada quinzenalmente as idas a campo foram realizadas no período de três meses, começando em outubro e terminando em dezembro, totalizando quatro visitas, sendo todas a visitas em tempo integral, ou seja, no horário de início e finalização da feira.

#### **5. Caracterizando a Sustentabilidade como Prática Sociomaterial em uma feira orgânica**

##### **5.1. A feira e seu processo organizativo**

A feira orgânica que acontece no bairro dos Bancários na cidade de João Pessoa/PB é organizada pela Comissão da Pastoral da Terra - CPT e conta com o apoio institucional do

Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA e do Movimento dos Sem Terra – MST. Ainda conta com o suporte do Centro de Práticas Integrativas Equilíbrio do Ser, que faz parte de uma política da prefeitura de João Pessoa e sede o espaço onde a feira ocorre. Ela é realizada quinzenalmente, sendo na primeira e terceira quarta-feira de cada mês, porém, quando o mês tem cinco semanas à feira acaba ocorrendo mais de duas vezes. Seu horário de funcionamento é das 6h e 30min até aproximadamente 13h. A seguir temos a representação da feira através da Imagem 01.

**Imagem 01 – Feira orgânica**



Fonte: Autores (2015)

Para fazer parte da feira, ou seja, para ser um feirante legitimado, é necessário o pertencimento ao movimento social MST. Todos os feirantes são agricultores de base familiar que já se encontram assentados ou em fase de acampamento, o que podemos afirmar que é um aspecto fronteiriço da feira enquanto espaço social. Atualmente, existem dez feirantes que compõem a feira orgânica, e, eles pertencem basicamente a três assentamentos: Marinas, Capim de Cheiro e Antônio Pinto, todos eles localizados no município do Conde. Além disso, outra necessidade também identificada é com relação ao contrato social existente entre os feirantes, que estabelece que eles precisam ser os produtores de tudo o que se comercializa na feira e não é permitido a presença de atravessadores.

Toda organização da feira é realizada a partir de reuniões mensais entre os feirantes e organizadores, onde todas as decisões são tomadas de forma coletiva. Em uma das visitas foi possível participar de uma das reuniões que teve como pauta: o aumento da taxa mensal (conhecida também como fundo feira), a entrada de novos feirantes, questões relacionadas à publicidade e a organização do armazém onde são guardados os materiais utilizados na feira. Um aspecto que chamou bastante atenção foi às discussões sobre a entrada de novos feirantes, um processo bem rígido e democrático, que é constituído de três etapas que precisam ser seguidas fielmente: participação das reuniões e das feiras antes de ser efetivamente um feirante, inspeção da sua parcela (terra onde ocorre a produção) pelo técnico e decisão coletiva de aceitação ou não do novo feirante pelo grupo. Além de obrigatoriamente o novo candidato deve ser ligado ao MST.

Em conversa informal com um dos organizadores da feira percebeu-se o entrelaçamento entre as dimensões da sustentabilidade enquanto prática. Primeiro caracterizando a sustentabilidade enquanto prática no contexto da feira observa-se que há no mínimo três fatores (reconhecidos) da sustentabilidade que são práticas sociais, econômicas e ambientais. No que diz respeito os atores sociais humanos que fazem parte do processo organizativo da feira é basicamente composto por três principais “personagens” são eles: os feirantes, os organizadores e os clientes. Já os atores sociais não-humanos são representados pelos artefatos materiais existentes no espaço da feira.

**Os feirantes** que aparecem como comerciantes e ao mesmo tempo como produtores (uma condição determinante para inserção do feirante na feira, pois não há a possibilidade de ser/exercer apenas um papel). **Os organizadores** que também desempenham papel duplo ora como organizadores da própria feira, ora como orientadores no processo produtivo. O desempenho do papel dos organizadores é fundamentalmente de articulação, por estes possuírem vínculo institucional com a CPT, eles possuem formação técnica em agropecuária e são responsáveis por orientar os produtores na produção de gêneros orgânicos. Por fim, mas não menos importante os terceiros atores sociais humanos da feira são os **clientes/consumidores**, estes exercem papel fundamental, isto porque a feira é um espaço de comércio, e não há possibilidade de ocorrer trocas comerciais se não há quem compre. O Quadro 1 faz uma apresentação das principais práticas de sustentabilidade, organizada nos três eixos (ambiental, social e econômico), e também apresenta os elementos materiais que intermedeiam essas práticas.

**Quadro 01 - Principais práticas de sustentabilidade dos atores sociais**

Sustentabilidade como Prática			
Atores Sociais	Ambientais	Sociais	Econômicas
Organizadores	Orientam a produção	Articulam e intermedeiam as relações institucionais	Arrecadação de fundos para manutenção da feira
Artefatos não humanos	Recursos naturais	Fardamento	Dinheiro
Feirantes	Produção orgânica	Associativismo, relações com clientes	Relações de trocas
Artefatos não humanos	Recursos naturais	Produtos, Dinheiro	Produtos, dinheiro, balança
Clientes/consumidores	Consumo de produtos orgânicos	Relações com os feirantes	Compra
Artefatos não humanos	Produtos orgânicos	Produtos, Dinheiro	Produtos, dinheiro, balança

Fonte: Dados da pesquisa (2015).

Cabe destacar a simetria existente nos papéis sociais dos atores humanos, não há protagonismo exercido por apenas um dos atores, mas todos são protagonistas de mesma grandeza, da mesma forma que apesar de em alguns momentos parecer que há envolvimento maior de um ator com uma dimensão da sustentabilidade, todos eles se envolvem e praticam as três micro práticas da sustentabilidade igualmente.

Como toda prática é intermediada por elementos não humanos, a composição da feira orgânica é dada através da interação dos humanos e dos não humanos, por isso é considerada social e material ao mesmo tempo. Consideramos não haver protagonismo por parte dos humanos, uma vez que suas ações são dependentes da utilização de artefatos, por exemplo, não há como desenvolver práticas ambientais se não há a presença do ambiente, que é majoritariamente composta por elementos não-humanos, assim como alguns elementos intermedeiam as práticas sociais, um exemplo disso são as fardas que os organizadores utilizam e os coletes que os feirantes usam, o artefato vestimenta legitima os atores e torna-os pertencentes à feira, na dimensão econômica não há como fazer “trocas” sem a presença dos artefatos produtos e dinheiro. Sendo assim o processo organizativo da feira orgânica é indiscutivelmente sociomaterial.

## 5.2. As micro práticas das dimensões da sustentabilidade

Conforme foi apresentado na revisão de literatura deste trabalho, optamos pelo conceito de sustentabilidade como uma prática sociomaterial cotidiana que surge da relação de interação de humanos e não-humanos (Cavalcante e Bispo, 2014). Também é opção teórica aceitar que a sustentabilidade como prática é composta por micro práticas sociais, ambientais e econômicas, que também são sociomateriais e cotidianas. Para efeito deste trabalho, as micro práticas serão apresentadas de formas separadas, porém, quando observadas nas práticas cotidianas estão imbricadas umas as outras, e isso vai se tornar perceptível quando algumas vezes recorremos a uma micro prática para explicar outra.

A prática ambiental – Essa prática fica evidenciada na oralidade das pessoas em apresentar seus produtos orgânicos: “Vendo batata, macaxeira, coentro, banana, manga espada, manga rosa, pimenta, goiaba, tomate, tudo da minha produção [...] nós ‘trabalha’ com defensivo, preparamos os defensivos com o pessoal da CPT, os técnicos. Não usamos agrotóxicos. De jeito nenhum. Nossa produção é limpa” (Entrevista com o feirante 2/Notas de campo, 2015). Isto põe em destaque a rede de práticas ligadas à feira, isto é, a feira não começa apenas às 6h e 30min da manhã das primeiras e terceiras quartas-feiras de cada mês, mas sim, começa com o preparo do produto comercializado, desde o plantio, passando pelo cultivo, até a colheita dos produtos. O processo de produção é feito com muito cuidado e com muito respeito ao meio ambiente. Não há uso de agrotóxicos químicos, as pragas são combatidas através da compostagem que também é utilizada para fertilizar o solo, evidenciado pela fala de um dos feirantes ao ser indagado sobre a forma do controle de pragas “A gente usa produtos naturais como urina da vaca, a gente faz caldo a bordalesa, a gente faz ninho, a gente faz compostagem orgânica com esterco do gado, bota na água, dilui assim e joga na lavoura. E assim sucessivamente” (Entrevista com o feirante 1/Notas de campo, 2015). A água é um recurso bastante valorizado e seu uso é feito de forma consciente. Uma observação latente aos olhos dos observadores foi em relação a não produção de lixo no espaço o que é de se esperar (pela tradição, do que é uma feira). Os lixos observados são materiais orgânicos e que já tem um destino determinado após o fim da feira.

A prática social – A feira enquanto fenômeno é composto por atores sociais (a feira e qualquer outro fenômeno social é composto por atores sociais) dentre os principais observados são os feirantes, os consumidores e os organizadores (estes possuem filiação institucional) ao mesmo tempo em que desempenham ações de orientação na produção agrícola. Também há os macro atores que são as instituições que organizam os feirantes e a feira, e também se apresentam na prática social (no engajamento dos feirantes com as práticas de produção orgânica e comercialização). O respeito ao ser humano é uma característica evidente na feira, isso pôde ser observado quando ao espírito de parceria entre os feirantes, o respeito com as clientes, e com os organizadores. A relação entre os feirantes é bastante cordial, através da observação e também do discurso deles é perceptível que não há competição e que o mais importante é que todos saiam satisfeitos ao final de cada feira, tanto os feirantes e organizadores, como os clientes. O ganho deve ser coletivo e não individual. Para alguns clientes/consumidores o modo como conheceram a feira foi através de indicação de amigos e familiares, isto é, participar da feira é uma prática social que é recomendada por alguns frequentadores, representada na fala de alguns dos clientes com os quais nós conversamos: “Minha irmã que faz tratamento aqui no equilíbrio do ser” (Entrevista com cliente 3/Notas de campo, 2015), o equilíbrio do ser é um órgão da prefeitura, que apoia a feira cedendo espaço, então há outra prática social envolvida que se relaciona, frequentar o órgão é uma forma de conhecer a feira, outra cliente afirma que foi “Pelos amigos” (Entrevista com cliente 3/Notas de campo, 2015).

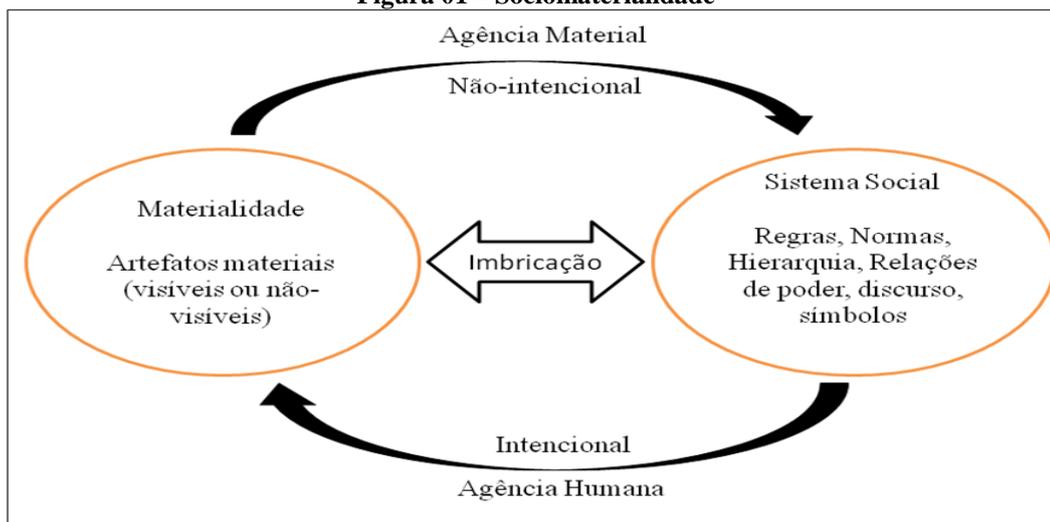
A prática econômica - Dentro do espaço feira a prática econômica é evidente, pode-se dizer que ela é fundamental para que o fenômeno feira ocorra, isto porque sem trocas econômicas não há feira. No caso da feira orgânica analisada, sendo a fala de um de seus

organizadores (representantes institucionais) o motivo da feira é a garantia de renda dos produtores e do ganho justos que estes buscam ter, isto devido ao fato da feira existir por outras práticas sociais dentro do macro contexto (a organização em assentamentos). A feira busca eliminar a figura do atravessador (atravessador é quem intermedeia a ligação entre produtor e consumidor) que fragilizava as condições econômicas dos produtores, uma vez que o preço pago pelo atravessador era injusto, mais uma vez aqui há uma interligação entre as dimensões das práticas da sustentabilidade (o econômico e o social se confundem e se integram, se influenciam e se separam).

### 5.3.A sociomaterialidade na feira

De acordo com Orlikowski (2007), todas as práticas são sempre sociomateriais em todos os lugares, e esta sociomaterialidade é constitutiva, molda os contornos e possibilita o *organizing* das atividades cotidianas. Portanto, não importa o lugar ou a forma como a prática é desenvolvida, ela sempre será permeada por relações sociomateriais, onde os artefatos e as pessoas são interdependentes, pois é partir do emaranhamento desses dois atores que a prática é desenvolvida. A seguir apresentamos a Figura 1 que traz a representação da sociomaterialidade em uma prática, no caso deste artigo, podemos entender como a prática da sustentabilidade na feira orgânica.

**Figura 01 – Sociomaterialidade**



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de Leonard (2012) e Orlikowski (2007)

Para Leonard (2012, p.27), “a prática sociomaterial é o espaço nos quais múltiplas agências humanas (social) e agências materiais estão imbricadas”. Ou seja, não há como compreender a sustentabilidade como prática na feira dissociando os atores que firmam relações sociomateriais. Sendo assim, se faz importante destacar quais materiais estão inseridos na feira e quais sentidos as pessoas dão a esses materiais de forma que essa relação permita que as atividades cotidianas sejam desenvolvidas.

No universo da feira foi possível identificar vários atores que juntos constroem e dão sentido a sustentabilidade como uma prática, entre eles os materiais que são necessários para o desenvolvimento da atividade e também os seres humanos que dão significados aos materiais. Pelo fato dos materiais não terem intencionalidade não quer dizer que eles não agem nos humanos, pelo contrário, eles agem sim, e, muitas vezes, de forma tão forte que sua ausência pode impossibilitar o desenvolvimento da atividade. Contudo, a intencionalidade intrínseca às pessoas torna mais visível sua agência, por isso, elas passam a ser mais visadas e se tornam os grandes protagonistas.

Com a intenção de descrever as relações sociomateriais existentes na feira que dão suporte a sustentabilidade, elaboramos um quadro para facilitar a compreensão dos leitores. O Quadro 2 está dividido em duas partes: na primeira listamos alguns materiais que fazem parte da prática e depois descrevemos alguns trechos de entrevistas onde as pessoas descrevem o sentido que dão para cada material.

**Quadro 01 - As relações sociomateriais na feira**

<b>Relações Sociomateriais</b>	
<b>Materiais</b>	<b>Trechos de conversas informais</b>
Espaço de realização da feira e organização	<p>“A organização tá bom, eu acho bom, tá bom” (Entrevista/cliente 3, 2015).</p> <p>“Pra mim tá bem legal, eu acho que tá bom. Tá tranquilo, dá pra transitar por elas, vê o que tem pra comprar, tá muito legal” (Entrevista/cliente 5, 2015)</p> <p>“A organização das barracas foi decidido através de nós mesmo, através de reuniões, no primeiro dia quando a gente veio instalar a feira aqui, a gente já definiu, saiu montando banco por banco, aí ficou a organização assim, aí ninguém hoje fica no lugar de ninguém” (Entrevista/feirante 1, 2015)</p> <p>“Os lugares foram decididos coletivamente, desde o começo cada um fica no seu lugar, aqui nós defendemos o lugar de um do outro também, quando chega alguém querendo ocupar, nós falamos que não pode ocupar” (Entrevista/feirante 2, 2015)</p>
Meios de locomoção	<p>“O ruim é que não tem ninguém pra ajudar a gente pra levar em casa, eu não tenho carro, o problema tá aí” (Entrevista/cliente 3, 2015).</p> <p>“Tudo o que você tem que transportar e carregar, tem gasto” (Entrevista/feirante 1, 2015).</p>
Barracas	<p>[Você já imaginou a feira sem a barraca?] Eu já fiz uma feira sem barraca quando eu era criança, com meu pai em Goiana, a gente não tinha barraca, a gente forrava uma lona no chão e colocava os produtos. [Hoje se você fosse imaginar sem a barraca, você teria condições de fazer a feira do jeito que ela é?] Eu faria, mas não me sentia bem porque a questão da mercadoria ficar exposta no chão, ia ser mais difícil” (Entrevista/feirante 1, 2015).</p> <p>“[Com relação as barracas, como o senhor se imagina hoje em dia comercializando os produtos sem essa barraca?] Não tinha condições, porque hoje em dia o cliente é muito exigente, tem que ter o lugar bem bonitinho, pra poder nós trabalhar ” (Entrevista/feirante 2, 2015).</p>
Coletes	<p>“O colete é um apoio, e um demonstração que a gente é diferenciado, esses coletes não tem em todas as feiras, só na nossa, mesmo se alguém quiser colocar esse colete, mas os clientes tem que ver diferença dos produtos [Tu tem orgulho de vestir esse colete?] Tenho, graças a Deus eu tenho” (Entrevista/feirante 1, 2015).</p> <p>“[O que representa o colete para o senhor?] A minha identificação como feirante, de longe alguém tá vendo que eu trabalho na feira. [O senhor acha que é importante vestir esse colete?] Muito importante. Porque se não tivesse eu nem vinha pra participar.” (Entrevista/feirante 2, 2015).</p>
Balança	<p>“[A questão da balança, o que é que a balança representa hoje pra tua venda?] É que hoje em dia balança é o que faz a confiança, hoje em dia, quer dizer a balança é um modo de você demonstrar que você tá fazendo a coisa certa” (Entrevista/feirante 1, 2015).</p>
Produtos comercializados	<p>“A gente tem procurado comprar as coisas assim o mais orgânico possível” (Entrevista/cliente 4, 2015).</p> <p>“Eu gosto, acho tudo muito bom” (Entrevista/cliente 5, 2015).</p>

Fonte: Notas de Campo, 2015.

Através de trechos retirados das conversas informais que tivemos com consumidores e feirantes, podemos constatar algumas importâncias dadas aos materiais para o processo de organização da feira. Muitos dos elementos materiais saem de sua função enquanto instrumento de trabalho e passam a fazer parte do emaranhado de significados para os atores sociais humanos, é o caso que acontece com os coletes, eles são significados de pertencimento, porque representam a prática de produção orgânica, o colete legitima o feirante em relação ao seu processo produtivo, vestir o colete depende da prática ambiental de produção.

**Imagem 02 – Colete usado pelos feirantes**



Fonte: Autores (2015)

Outro elemento material importante para realização da feira é a barraca, é destacada em uma das falas dos feirantes que ela não é apenas uma forma de organizar a feira, mas parte também da exigência social dos clientes, há possibilidade de realização da feira sem (Feirante 1) mas não seria a mesma coisa isso porque para o cliente o produto deve está bem exposto e bem conservado, então podemos dizer que a barraca intermedeia a relação de troca, assim como legitima o feirante a vender, isto é, o torna apto.

A importância da barraca também é destacada por sua aquisição. Durante as observações participantes, os pesquisadores puderam participar de uma reunião organizativa da feira, dentre os pontos de pauta estava o pagamento das barracas, de um valor relativamente alto para aquele contexto, mas que deveria ser pago por motivos como legitimidade e exigências dos clientes.

**Imagem 03 – Barracas utilizadas na feira**



Fonte: Autores (2015)

A balança também exerce agência na interação entre clientes e feirantes, ao ponto de está expresso em fala do feirante de que a balança representa confiança, sabemos que um dos principais elementos que compõe uma relação de troca é a confiança e que ela é inteiramente materializada na balança que assume imagem de justiça e retidão, isto é, confiança.

**Imagem 04 – Balança usada pelos feirantes**



Fonte: Autores (2015)

Como foi observado através dos trechos e imagens apresentados, cada material possui um papel importante para a realização da feira, podendo ser um fator que tanto propicia como também limita a organização da feira. Na fala dos feirantes ficou perceptível os efeitos da ação dos artefatos materiais sobre as prática da feira, assim como, o sentido que as pessoas conferem aos materiais, que é o que chamamos sociomaterialidade.

## 6. ASPECTOS CONCLUSIVOS

Durante o desenvolvimento deste trabalho viemos tecendo a ideia de conceituação da sustentabilidade enquanto prática sociomaterial que ocorre no cotidiano de forma não prescritiva e a partir da interação dos humanos e não-humanos. Trouxemos uma abordagem consideravelmente nova para o campo de estudos da sustentabilidade que foi os Estudos Baseados na Prática, por meio desta nova compreensão acreditamos ter contribuído com o alargamento do campo e do entendimento da sustentabilidade como prática, ampliando os horizontes através da inserção de uma nova abordagem teórica.

De maneira geral através de observações *in loco* pudemos caracterizar a sustentabilidade como prática sociomaterial em uma feira orgânica, realizamos o mapeamento dos atores sociais humanos e suas micro práticas de sustentabilidade através da interação destes com artefatos materiais (não-humanos). Foi perceptível o alinhamento e simetria entre os atores sociais humanos na realização de práticas sustentáveis sejam elas ambientais, sociais ou econômicas, isto é, todos assumem papel importante na realização da sustentabilidade como prática.

Este estudo também contribui de forma que dá destaque aos não-humanos como atores sociais compositores da malha social que forma a feira. Foi possível constatar a dependência de alguns elementos não-humanos para a realização desta prática (ou o conjunto de micro práticas que a compõe). Por meio da observação participante e das conversas informais foi identificado à influência de elementos humanos moldando o comportamento dos humanos, um exemplo seria o significado atribuído pelos feirantes ao colete que eles usam para realizar seu trabalho na feira, o colete não era apenas uma vestimenta, mas comunica quem eles são e o que eles fazem, tanto ao ponto de os feirantes se sentirem orgulhosos por vestirem aquele colete.

Podemos afirmar que a sustentabilidade na feira é sociomaterial porque toda a prática humana pode ser considerada social e é material ao mesmo tempo, isto devido a dependência de elementos materiais indispensáveis. Outra observação que chamou bastante atenção é o quanto as micro práticas da sustentabilidade influenciam no processo organizativo da feira, podendo ser consideradas como determinantes da existência da feira, não há flexibilidade alguma para quem não cumpre os pré-requisitos. O feirante tem, assim como o candidato a feirante tem que, desempenhar práticas sociais (ser pertencente ao MST), práticas ambientais (produzir de forma orgânica e limpa) e práticas econômicas (produzir e vender apenas a sua produção). Assim podemos dizer que não há a feira orgânica sem a sustentabilidade como prática.

Como limitação desta pesquisa podemos apontar a pouca literatura sobre o tema de sustentabilidade enquanto prática sociomaterial, porém ela é justificada devido a este ser um dos poucos estudos que entende a sustentabilidade nesta perspectiva, podendo assim ser considerado como uma tentativa de superação de sua própria limitação. E, como recomendações, para estudos futuros indicamos outras abordagens metodológicas usadas pelos Estudos Baseados nas Práticas, como por exemplo, *interview to the doble*, etnometodologia, shadowing que são métodos de inspiração etnográfica, mas que podem ser considerado mais completos que a observação participante combinada com as conversas informais, que foram utilizadas como método para a presente pesquisa.

## REFERÊNCIAS

BARONI, M. (1992). Ambigüidades e deficiências do conceito de desenvolvimento sustentável. Re-vista de Administração de Empresas, São Paulo, v.18, n.2, p.14-24, Abr./Jun.

BISPO, M.S. (2011). Uma reflexão sobre processos de aprendizagem nas organizações a partir do conceito de prática: desafios da gestão de pessoas a partir de uma abordagem interacionista do cotidiano. In: CHIUZI, R. M. (Org.). **Recursos humanos ou gestão de pessoas? : reflexões críticas sobre o trabalho contemporâneo**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, p. 103-120.

CAVALCANTE, E. D. C. e BISPO M. de S. (2014).Sustentabilidade como prática: um olhar etnometodológico e sociomaterial a partir da orla marítima de João Pessoa, Paraíba. **Organizações e Sustentabilidade**, Londrina, v.2, n. 2, p. 80-113, jul./dez.

FENWICK, T. (2014). **Sociomateriality in medical practice and learning: attuning to what matters**. *Medical Education*, v.48, p. 44-52.

GHERARDI, S. (2006). **Organizational knowledge: the texture of workplace learning**. Oxford: Blackwell Publishing.

GHERARDI, S.; STRATI, A. (orgs). (2014). **Administração e aprendizagem na prática**. Rio de Janeiro: Elsevier.

KRUEL, A. J. (2010). **Ignacy Sachs: uma voz sempre atual na sociedade**. Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD – ENEO, v.6, 23- 25 de maio. Florianópolis.

LEONARDI, P. M. (2012). Materiality, Sociomateriality, and Socio-Technical Systems: What Do These Terms Mean? How Are They Related? Do We Need Them? In P. M. Leonardi, B. A. Nardi, & J. Kallinikos (Eds.), **Materiality and Organizing: Social Interaction in a Technological World**. Oxford: Oxford University Press. p. 25-48.

NICOLINI, D.; GHERARDI, S & YANOW, D., (eds.). (2003). **Knowing in Organizations: a practice-Based Approach**. Armonk, NY: M. E. Sharpe.

ORLIKOWSKI, W. J. (2007). **Sociomaterial Practices: Exploring Technology at Work**. **Organization Studies**, v.28, n. 9, p. 1435-1448.

SACHS, Ignacy. (2009) **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond.

SCHATZKI, T. R., KNORR CETINA, K., VON SAVIGNY, E. (eds.). (2001). **The Practice Turn in Contemporary Theory**. New York: Routledge.

SCHATZKI, T. R. (2006).Organizations as they happen. **Organization Studies**, v. 27, n. 12, p. 1863-1873.